

Badaladas

JORNAL TRIMESTRAL DA CATEQUESE

Igreja da Santíssima Trindade (Paróquia de Santa Maria) | Diretor: Pe. José Dionísio | Preço: 1,00 Badaladas

N.º 1T | abril | 2018

Editorial

Cristo Ressuscitou, Aleluia! Aleluia!

Celebrar a Páscoa é celebrar a passagem da morte à vida, a Ressurreição de Jesus Cristo que, morto na Cruz para dar a vida por nós, ressuscita ao terceiro dia, para que possamos fazer a experiência da vida em abundância.

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10, 10). Trata-se de uma vida nova, livre da escravidão do pecado e da morte, porque na Cruz Jesus livra-nos do pecado e vence a morte. Uma morte que tantas vezes nos afasta dos outros, de Deus e até de nós próprios, porque vivemos encerrados na nossa própria vida, mergulhados nas nossas “dores” e não somos capazes de acolher a Vida e dar vida. Por isso, celebrar a Páscoa é também a oportunidade para ser vida.

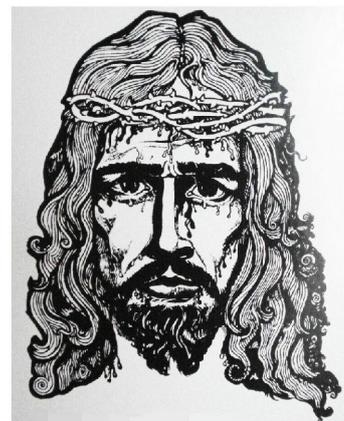
Neste período longo desde o Natal, tivemos algumas Festas da Catequese: a do Acolhimento - 1.º ano, da Vida (8.º Ano), da Palavra (4.º ano); da Esperança (5.º ano) e das Bem-aventuranças (7.º ano).

Também vivemos tempos que exigiram muito da espiritualidade, como a Quaresma, a Semana Santa e a Páscoa... Tempos de meditação, sofrimento e oração, mas também de reconciliação e Ressurreição...

Até ao próximo número e boas leituras.

A equipa da Catequese

Procura-se!!!



Desapareceu do sepulcro onde se encontrava, Jesus de Nazaré, Galileu, 33 anos, pele morena, barba e cabelo estilo hippy, cicatrizes nas mãos e pés, normalmente acompanhado de 12 marginais.

Considerado perigoso pelas autoridades foi condenado por escandalizar as massas com frases revolucionárias como “Amal-vos uns aos outros” ou “Perdoa os teus inimigos”.

Se O encontrares... Segue-O!!!

Nesta edição:

- Festas da Catequese
- Um Mundo Virtual
- O Precónio Pascal
- 24h para o Senhor
- O Santo Sudário
- Dia do Pai
- Domingo da Alegria
- Via-Sacra
- Passatempos
- O “Cantinho” do Papa: “Nesta Páscoa de 2018, o que faço?”



Festa do Acolhimento

No passado dia 21 de janeiro, 3.º domingo de janeiro, as crianças do 1.º ano da Catequese fizeram a sua Festa do Acolhimento.

Neste domingo Jesus convidava os apóstolos a ir com Ele para os fazer pescadores de homens. A nossa paróquia também chamou este pequeno grupo a estar sempre com Jesus, através da Catequese com as catequistas, na Eucaristia e em casa na oração com os pais, principais educadores na fé.

Talvez quem sabe um deles não será chamado a uma vocação religiosa?

Parabéns aos pequenos aprendizes e que aprendam a gostar muito de Jesus.



Grupo do 1.º ano



Festa da Vida

No passado dia 4 Fevereiro, perante a comunidade cristã, os adolescentes do 8.º ano celebraram a festa da Vida. Esta é a festa programada para um ano de catequese em que somos conduzidos à reflexão para onde devemos caminhar. O nosso olhar parte do nosso coração tal como os Salmos que passaram pelos lábios de Jesus e que conservaram a frescura da oração. Desde o raiar da criação até aos nossos dias, tudo foi meditado e nos foi dito por aqueles que nos precederam na fé e criaram esse fio ininterrupto.

A Sagrada Escritura fala da “Árvore da Vida”, que simboliza toda a história humana, do princípio ao fim dos

tempos. Para nós, cristãos, o madeiro da cruz representa a verdadeira árvore da vida. Em Jesus está reunido todo o sofrimento do homem, mas também a sua plena libertação. Com a ressurreição, Jesus provou que não há cadeias que impeçam a vida de vencer a morte.

Deus faz festa connosco. Vale a pena celebrar a Vida e com alegria participar na Eucaristia, no compromisso e na comunidade.

Grupo do 8.º ano



Grupo Coral da Catequese



Olá a todos! Cá continuamos a acompanhar todas as festas e Missas da Catequese! O dito popular diz que “cantar é rezar duas vezes!” Bom, isso não sabemos se é bem, assim... Mas, permanecemos cheios de alegria, boa disposição e vontade de continuarmos este projeto, com a ajuda de todos, especialmente dos catequizandos. Os **ensaios**, sempre muito animados, decorrem às **6.ªs F às 19:00** no auditório da Igreja. Vem ajudar a comunidade a rezar, cantando connosco!

Já sabes! Quer saibas cantar, tocar um instrumento ou apenas bater as palmas, vem participar também! Saudações musicais e boa Páscoa!

A equipa do Grupo Coral da Catequese

Festa da Esperança e Festa das Bem-Aventuranças



No passado dia 11 de março celebrámos a Festa da Esperança com os meninos e meninas do 5.º ano. Neste ano refletimos que podemos depositar a nossa esperança em muita coisa, no trabalho, nos relacionamentos, na nossa inteligência, na conta bancária, na força e até no “status” social numa sociedade que tanto valoriza o “ter” e não o “ser”. Mas, a verdade é que nenhuma dessas coisas é infalível, pois podem mudar com o tempo. Quando a nossa esperança está em Cristo, podemos estar seguros e não ficaremos desiludidos nem frustrados. Deus é o Amigo Perfeito; nunca nos abandona nem trai a nossa confiança e esperança. Procuramos colocar toda a nossa vida, sonhos, desejos, expectativas, medos e anseios nas mãos de Deus, confiantes à sua perfeita vontade. Pois, aquele que confia em Deus e lhe entrega a sua vida tem no seu coração uma Esperança genuína, que nunca será abalada. “A nossa Esperança está no Senhor; Ele é o nosso auxílio e proteção”.

Celebrámos também a Festa das Bem Aventuranças, relativa ao 7.º ano. As Bem- Aventuranças são ensinamentos de Jesus, que segundo os evangelhos de S. Mateus e S. Lucas, Ele pregou no Sermão da Montanha e na Planície. Jesus Cristo, no fundo, queria ensinar e revelar aos Homens o caminho para a felicidade. *“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus; Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados; Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra; Bem-aventurados os que tem fome e sede de Justiça, porque serão saciados; Bem-aventurados os misericordiosos, porque encontrarão a Misericórdia; Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a face e Deus; Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus; Bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da Justiça, porque deles é o Reino dos Céus; Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem, perseguirem e mentirem, dizendo todo mal contra vós por minha causa.”*



Festa da Palavra

Grupos do 5.º e do 7.º ano

Celebrou-se no primeiro domingo de Quaresma, dia 18 de fevereiro, a Festa da Palavra: a tradicional festa do 4.º ano de catequese. É da Palavra que a catequese extrai o seu núcleo – e aqui a catequese abrange não só os catequistas, mas também as homilias catequéticas do sacerdote – que se transforma em revelação para ser recebida na nossa qualidade humana. É uma promessa que nos atrai ao abandono confiante e perseverante a Deus; uma lei e um compromisso a assumir. Extrai-se então, uma provocação lógica no nosso ser, que permite um encontro iluminado com o Senhor.

“Nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que vem da boca de Deus.” (Mt 4, 4) foi a aclamação antecedente ao Evangelho na altura do Aleluia. Assim, é ampliado o quadro cristão das crianças da catequese: dão os primeiros passos na leitura bíblica nesta caminhada. É-lhes semeada a Palavra no terreno da vida pessoal, das experiências e vivências juvenis, para entrarem em contacto com Ela e por Ela se deixarem germinar, gerando-lhes uma compreensão mais madura do mundo, em que a Bíblia é o melhor apoio para se ligarem a Jesus e aos seus ensinamentos.

Cristo é, ao mesmo tempo, força e sabedoria de Deus: revela-se intrinsecamente como Palavra de Deus e, assim, se proporciona a elevação interior destes jovens do quarto ano na caminhada cristã, com a entrega simbólica da Bíblia. A acessibilidade aos textos litúrgicos ajuda-os a mergulhar na gesta de Deus, fonte de contínua salvação. Abrem-se os seus corações à divina Sabedoria, sacramento que converte vidas, como promete o tempo quaresmal!



Grupo do 4.º ano

Um Mundo Virtual

O fascínio da nossa sociedade pela tecnologia, pelo mundo digital, mais do que utilitário, ou estético, tornou-se um desejo humano. Vivemos numa sociedade mergulhada no mar das redes sociais e dos mundos virtuais, que nos prenderam de tal maneira, que mais parece que estes dispositivos digitais são indispensáveis à nossa vida. Tornaram-se quase um prolongamento dos nossos membros.

O processo de virtualização do real (da cibercultura) é um processo que simula a nossa realidade pela sua representação tecnológica. Corresponde a uma experiência onde é construída uma relação com o mundo através de processos de simulação e dissimulação tecnológicas. No espaço virtual o ser humano tem liberdade total de escolha de uma série de características, que em princípio, são inalcançáveis na realidade.



A grande problemática reside na resposta ao porquê da criação destes mundos virtuais e quais os desejos humanos inerentes a este tipo de desenvolvimento tecnológico. Será que esta procura pela realidade virtual pode ter consequências negativas para a humanidade?

Na perspetiva cristã, podemos definir, de

uma forma muito sucinta, a pessoa humana como alguém único e irrepitível que é pensada como substância, com identidade intransmissível condensada em si mesma, amada por Deus «desde toda a eternidade». Desde o início, a pessoa humana caracteriza-se pela busca de respostas e pela procura da realização de desejos que, à partida, são impossíveis, ou seja, vão para além dos nossos limites corpóreos. É esta uma das principais razões que impulsionam o desenvolvimento tecnológico, que aparentemente, parece bom. Porém, devemos ser cautelosos e avaliar devidamente as situações. A construção de um mundo virtual pode significar a entrada num espaço onde o nosso corpo humano se torna um inconveniente ou até desnecessário. A procura constante de realidades impossíveis à nossa condição humana pode significar um problema, na medida em que nos desviamos do essencial e iniciamos aquilo que se pode chamar de utopia. Tornamo-nos dependentes de um mundo que não existe e aniquilamos a experiência humana da comunhão fraterna, assim como a relação com o mundo. Cada um de nós só é pessoa pela sua relação, na diferença, com os outros. O mesmo acontece na relação de infinito amor da Trindade: o Pai distingue-se do Filho e do Espírito, assim como o Espírito se distingue do Filho. Enquanto natureza ou substância divina os três são Deus (em comunhão). Querer substituir o ser humano por mecanismos computacionais virtuais, ou viver apenas para uma realidade virtual (ficção), significa rejeitarmos as nossas diferenças, diferenças essas que nos permitem a relação que gera a comunhão. Significa, ainda, abdicarmos do grande dom que Deus nos dá de sermos únicos e por isso amados por Ele de uma forma única.

A fé na Trindade deu à humanidade a compreensão mais preciosa do ser humano como pessoa, tornando-a imagem de Deus. O modelo da unidade cristã não pode ser outro senão o próprio Deus. Assim, a nossa felicidade, depende inteiramente da nossa relação fraterna com os outros, mediante a comunhão com Deus, que, perante a nossa liberdade, nos quer fazer a todos participantes do seu infinito amor.

Tiago Fonseca, Seminarista

Eu conheço o Amor

Eu conheço pessoas pobres, que distribuem sorrisos.

Eu conheço pessoas que sofrem, que distribuem alegria.

Eu conheço pessoas incompreendidas, que sabem compreender.

Eu conheço pessoas puras, que conquistam pelo olhar.

Eu conheço pessoas pacíficas, que caminham levando a paz.

Eu conheço pessoas bondosas, que a todos têm o que dar.

Eu conheço pessoas injustiçadas, que souberam perdoar.

Eu conheço essas pessoas, o seu segredo é AMAR.

N. Maccari



Missa da Catequese
4.º domingo

Igreja da Santíssima Trindade
Covilhã Portugal





No passado dia 7 de março, o Papa convidou as dioceses católicas de todo o mundo a aderir à iniciativa “24 horas para o Senhor”, oferecendo aos fiéis igrejas de portas abertas, para quem se quiser confessar e, assim, melhor preparar a Páscoa, inspirando-se nas palavras do Salmo 130: “Em Ti se encontra o perdão”.



Esta iniciativa, ofereceu à nossa comunidade um momento de oração e de contemplação do Santíssimo muito participado, a que os grupos de catequese, particularmente os que se reúnem às sextas-feiras, tiveram ocasião de assistir e participar em comunidade.

Teresa Pereira, Catequista

O Precónio Pascal

O Precónio Pascal ou *Exultet* (primeira palavra do cântico em latim) é um hino de louvor, à maneira de uma oração eucarística, ao Círio Pascal, ou seja, uma solene aclamação à ressurreição de Jesus Cristo, «luz esplendente da santa glória do Pai celeste imortal».

Este magnífico hino remonta aos finais do século IV e encerra o lucernário da Vigília Pascal.

O costume de cantar um hino de bênção ao acender a lâmpada é bastante antigo e podemos encontrá-lo, por exemplo, na cultura judaica, na noite de sexta-feira como o primeiro ato religioso da celebração do *Shabat*. Do mesmo modo, os Cristãos, desde o início acendiam a lâmpada familiar, chamada lucerna, dando graças ao Senhor, pela luz da sua ressurreição que «dissipa as trevas do pecado e da morte». O Precónio Pascal canta os maravilhosos «louvores do círio», que no decorrer dos séculos será rodeado de honra cada vez maior, inscrevendo-se nele o ano do Senhor e a primeira e última letra do alfabeto grego, Alfa (A) e Omega (Ω). Trata-se de uma alusão ao primeiro capítulo do Evangelho de São João e ao Apocalipse, simbolizando a eternidade de Deus. A palavra círio vem do latim *cereus*, cera produzida pelas abelhas («Agora conhecemos o sinal glorioso desta coluna de cera (...) produzida pelo trabalho das abelhas, para formar este precioso luzeiro»). Este círio é a figura central da noite da Vigília Pascal que, como diz Santo Agostinho, é a «noite em que todo o mundo vigia», em que todos aguardam com esperança a ressurreição de Cristo, luz que hoje ilumina o nosso mundo.



Assim, o Precónio Pascal apresenta-se como a expressão do encanto agradecido da igreja, perante o mistério da Páscoa, evidenciando um paralelismo entre o Antigo e o Novo Testamento. Renova, no nosso tempo, o mistério do primeiro êxodo, libertando o povo de Deus do cativeiro do Egito, fazendo-o atravessar o mar vermelho a caminho da terra prometida. Cristo Ressuscitado é a nova nuvem luminosa do povo de Israel, durante a travessia do deserto. A luz deste círio faz desta noite mais brilhante que o dia, faz as «delícias da igreja», noite em que «o Céu se une à Terra e o divino ao humano». É, à luz deste círio, que toda a Escritura pode ser entendida, daí o Círio Pascal ser colocado junto do ambão. O Precónio Pascal (ou pregão), como o próprio nome indica, é um anúncio da festa pascal, durante a noite, onde todos precisamos de luz, o desaparecimento das trevas é também o desaparecimento da morte.

É, por isso, «verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação proclamar com todo o fervor da alma e toda a nossa voz os louvores de Deus invisível, Pai onipotente, e de Seu Filho Unigénito, Jesus Cristo, Nosso Senhor (...) que ressuscitado de entre os mortos, ilumina o género humano com a sua luz e a sua paz e vive glorioso pelos séculos dos séculos».

Tiago Fonseca, Seminarista

O Santo Sudário de Turim

A palavra sudário provém do latim *sudarium*, e na sua origem aludia tanto ao lenço que se usava para enxugar o suor do rosto quanto o pano com que se cobria a face dos mortos. Posteriormente, passou a designar o lençol que na Antiguidade era comumente usado para envolver cadáveres ou mortalha.

Considerado a maior relíquia da Igreja Católica, este manto de linho puro com quase 4,5 metros de comprimento e 1,5 metros de largura, terá envolvido o corpo de Nosso Senhor Jesus Cristo no sepulcro. No ano de 1532, ocorreu um grande incêndio na Capela do Castelo de Chambéry, onde o Sudário estava guardado, dobrado e encerrado numa caixa de prata. Com o calor do fogo, a prata derreteu e gotejou sobre o Sudário, causando queimaduras por todo o lençol, que estava dobrado duas vezes no sentido da largura e quatro vezes no sentido do comprimento, formando 48 sobreposições. Quando foi desdobrado, viu-se que estava danificado de modo simétrico (como se vê na imagem do topo). Além disso, a água usada para apagar o incêndio e esfriar a caixa incandescente deixou muitos halos (marcas) em forma de losango, as quais são sutilmente visíveis sobre as áreas que permaneceram secas. Os triângulos irregulares mais claros que se vê são ao longo do Sudário são os remendos dessas partes queimadas, feitos pelas irmãs clarissas de Chambéry.

O exame dos sinais visíveis

1. O exame da imagem demonstra que o homem do Sudário é muito semelhante à imagem clássica de Jesus Cristo, e que foi espancado, flagelado e crucificado. Na imagem vista de frente, o rosto apresenta sinais bastante claros de traumas múltiplos: na testa, nas arcadas superciliares, nos zigos, nas faces e no nariz, – que traz uma escoriação na ponta, – existem deformações típicas do inchaço causado por fortes pancadas. Apesar de tudo, no conjunto, o rosto traz um aspeto composto e sereno.

2. Os ombros estão erguidos, como se o corpo tivesse permanecido suspenso pelos braços até o momento da morte. Nota-se uma grande equimose no nível da omoplata esquerda e uma ferida no ombro direito, indicando fricção contínua com um objeto pesado e áspero – exatamente como ocorreria se o homem tivesse carregado um *patibulum* (travessão da cruz romana) no ombro.

3. Os joelhos, especialmente o esquerdo, estão escoriados, com ferimentos muito semelhantes aos que seriam provocados por quedas violentas.

4. Fios de sangue estão presentes em todo o crânio, mais evidentes na nuca e na testa, como se algum tipo de capacete ou coroa feita de espinhos tivesse sido cravado em sua cabeça.

5. São bem visíveis os antebraços e as mãos – cruzadas sobre o abdómen, esquerda sobre a direita. No pulso mais visível, o esquerdo, há uma grande mancha de sangue causada por uma ferida grave. Embora a mão direita esteja parcialmente oculta pela outra, o fio de sangue que escorre pelo antebraço indica que também este pulso tem uma ferida semelhante: ferimentos esses que se encaixam perfeitamente com as lesões que seriam provocadas por grandes cravos. Os dedos, bem visíveis, são alongados. Nota-se que os polegares não aparecem na imagem, – o que é particularmente interessante, já que a lesão do nervo mediano, provocada por cravos atravessando os pulsos obrigaria os polegares a se contraírem e se oporem às palmas das mãos.

6. No lado direito da caixa torácica (no Sudário é o lado esquerdo, porque a imagem é em espelho, o lado direito da imagem é o lado esquerdo do corpo e vice-versa), nota-se uma ferida perfeitamente compatível com a que seria causada por uma ponta de lança romana: a chaga do lado direito do supliciado tem uma forma elíptica de 4,4 cm por 1,4 cm, que seria o diâmetro exato de um ferimento causado por uma lança romana do primeiro século, sem ganchos que alargariam a ferida e sem nervuras de reforço, tal como as que se utilizavam em motins para ferir depressa e mortalmente, de modo a retirar a arma e visar imediatamente outro adversário.

Na parte superior da mancha sanguínea distingue-se nitidamente uma mancha oval com o eixo maior oblíquo de dentro para fora e de baixo para cima, que dá nitidamente a impressão da chaga do lado de onde saiu este sangue. Aí distingue-se uma dupla mancha no tecido: uma de sangue e ou-

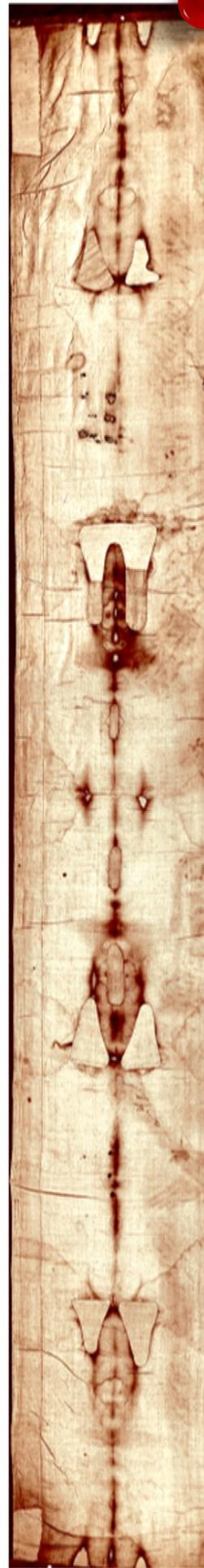
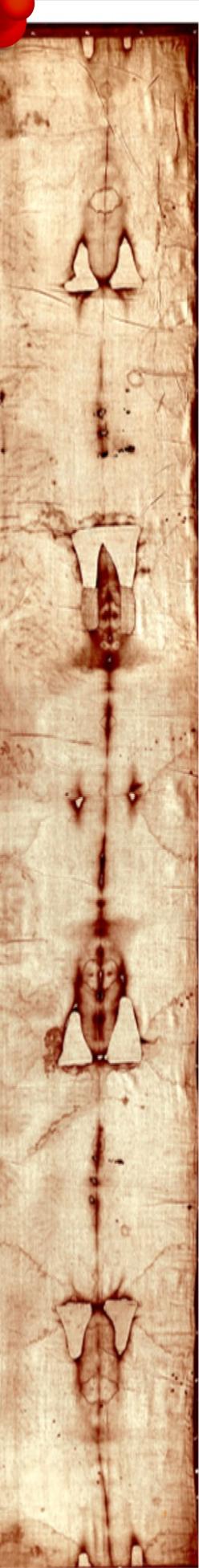


Imagem do Santo Sudário de Turim, Itália



tra, quase incolor, que só se tornou visível quando se usaram raios ultravioleta na observação. Os dois líquidos correram abundantemente até formarem uma espécie de círculo em torno dos rins. Como sabemos, o quarto evangelista afirma que da ferida saiu sangue e água. O sangue na imagem do Sudário procede do coração e talvez de hematomas causados por hemorragias internas. Quanto ao que João chama "água" e que corresponderia à mancha incolor observada no pano, é muito provavelmente uma mistura de soro sanguíneo, – resultante dos hematomas, – e de líquido pericárdico, situado dentro da bolsa pericárdica que envolve o coração. Esse líquido é tanto mais abundante quanto maior for o sofrimento da vítima; constitui inclusive uma prova usada em medicina legal para saber se a vítima foi torturada antes da morte.

7. No torso das figuras, anterior e posterior, notam-se decalques de sangue em formas bastante regulares por todo o corpo. O sangue se coagulou em lesões lácero-contusas de modo diferente, muitas vezes aos pares e em sentido paralelo, indicação clara de que foram causadas por chicotadas repetidas. É evidente, ainda, que os golpes foram produzidos por dois homens posicionados um de cada lado do "Homem do Sudário", e que um destes era bem mais alto.

8. Percebe-se que o pé direito do crucificado foi apoiado diretamente no madeiro da cruz; o esquerdo foi posto sobre o direito; ambos foram pregados juntos nessa posição, e assim os fixou a rigidez cadavérica.

Ciência e Fé

O Santo Sudário foi exposto, por diversas vezes, a análises científicas a fim de se certificar a sua veracidade. Com o aval do Papa João Paulo II, em 1988, especialistas das universidades de Oxford, em Inglaterra; Zurique, na Suíça e do Arizona, nos Estados Unidos; tiveram acesso a retalhos do pano. Ao submeter o tecido ao teste do carbono 14, usado na arqueologia para datar fósseis, concluíram que o sudário teria sido criado entre 1260 e 1390. Mas no ano 2000, um novo estudo desmente a precisão do carbono 14, pelo que a própria comunidade científica se divide em argumentos a favor e contra a autenticidade do Sudário.

A Igreja não se pronunciou oficialmente sobre a autenticidade do Sudário, que há anos é submetido a exames científicos e cujos resultados sempre levantaram objeções. A posição oficial a esta questão é a de que a resposta deve ser uma decisão pessoal do fiel. Em 2013, o Papa Francisco afirmou que o rosto desfigurado do Santo Sudário se assemelha ao de tantos homens e mulheres "feridos por uma vida que não respeita sua dignidade, por guerras e violências que afligem os mais vulneráveis", mas que ele convida à esperança. Francisco disse ainda que o rosto tem os olhos fechados, "mas, no entanto, misteriosamente nos olha e no silêncio nos fala". Como é possível que o povo fiel queira ficar diante deste ícone de um homem flagelado e crucificado?", questionou o Papa, que acrescentou: "Porque o homem do Santo Sudário nos convida a contemplar Jesus de Nazaré."

Neste tempo da Quaresma e da Páscoa, nos diferentes anos de Catequese procura-se, mais do que dar uma lição de história sobre a crucificação, levar os catequizandos a aproximarem-se da experiência de Jesus Cristo, que como refere o Papa "nos leva a subir ao monte do Calvário, a olhar o madeiro da cruz, a submergir no silêncio eloquente do amor".

Francisco Antunes, Catequista



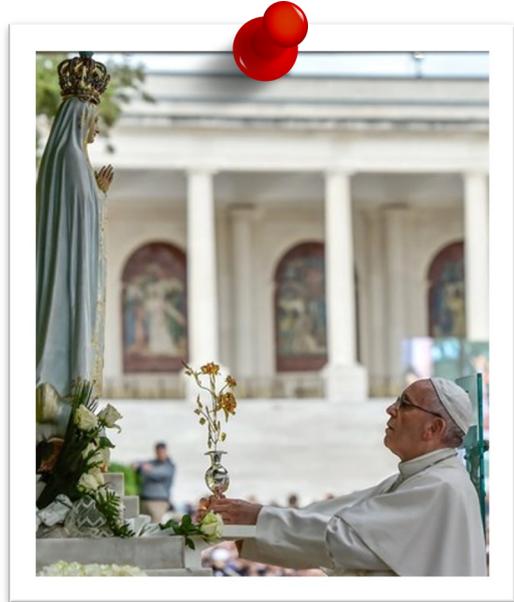
"Quem é o Homem do Sudário?" Exposição Internacional em Belo Horizonte, Brasil

O 4.º domingo da Quaresma: alegria num período de tristeza?

Tivemos, no decorrer deste tempo, um momento de júbilo, onde a cor litúrgica, inclusivamente, passa para o rosa. É o chamado “*Domingo Laetare*”, ou “Domingo da Alegria”, que parece contrastar com o tom marcado pela Quaresma como um tempo penitencial, de oração, jejum e esmola, onde a cor litúrgica é o roxo. Mas porquê?

O 4.º domingo da Quaresma recebe estes nomes porque assim começa, neste dia, a Antífona de Entrada da Eucaristia: “*Laetare, Ierusalem, et conventum facite omnes qui diligites eam; gaudete cum laetitia, qui in tristitia fuistis; ut exsultetis, et satiemi ab uberibus consolationis vestrae*” (“Alegra-te Jerusalém! Reuni-vos, vós todos que a amais; vós que estais tristes, exultai de alegria! Saciai-vos com a abundância de suas consolações”), conforme Isaías 66, 10-11.

A cor litúrgica passa do roxo para o rosa para representar a alegria pela proximidade da Páscoa. Este domingo já foi chamado também de “Domingo das Rosas”, pois, na antiguidade, os cristãos costumavam presentear-se com rosas. E é aqui que surge a “Rosa de Ouro”. No século X surgiu, a tradição da “Bênção da Rosa”, ocasião em que o Santo Padre, no 4.º domingo da Quaresma, ia do Palácio de Latrão à Basílica Estacional de Santa Cruz de Jerusalém, levando na mão esquerda uma rosa de ouro, que significava a alegria pela proximidade da Páscoa. Com a mão direita, o Papa abençoava a multidão. Regressando processionalmente a cavalo, o Papa tinha sua montaria conduzida pelo prefeito de Roma. Ao chegar, presenteava o prefeito com a rosa, em reconhecimento pelos seus atos de respeito e homenagem. Daí, então, teve início o costume de oferecer a “Rosa de Ouro”, para personalidades e autoridades que mantinham uma relação saudável com a Santa Sé, como príncipes, imperadores, reis...



das aparições de Nossa Senhora em Fátima, que culminaram na canonização de Francisco e Jacinta Marto, em maio de 2017, o Papa Francisco oferece a terceira Rosa de Ouro a Nossa Senhora de Fátima.

A rosa de ouro reflete a majestade de Cristo, com uma simbologia muito apropriada porque os profetas O chamaram “a flor do campo e o lírio dos vales”.

A Rosa de Ouro é um objeto esplêndido, feito de ouro maciço, sendo abençoada todos os anos pelos papas, no 4.º domingo da Quaresma, e é depois dada como símbolo permanente de reverência, estima a personalidades e ilustres cristãos que fizeram grandes feitos para a humanidade ou pela própria Igreja. Por exemplo, o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, recebeu uma Rosa de Ouro de Paulo VI, em 1965, e a Basílica de Nossa Senhora Aparecida recebeu uma de Paulo VI, em 1967 e outra de Bento XVI, em 2007.

Nas celebrações do centenário

Isabel Ferreira, Catequista

Dia do Pai

Pai!

Tu que me abriste o caminho da vida, como não dizer-te o meu amor?...

Dia a dia, hora a hora, desembrulhas a prenda que sou; ofereces-me gestos e olhares, palavras, sonhos, desafios e sorrisos ao ver-me crescer.

Levas-me à descoberta da magia dos dias, da sabedoria das horas enquanto na mesa partes o pão.

Conversas com o Deus ternura e comigo elevas as tuas mãos.

A tua vida é o espelho onde me aconchoo e me revejo.

Pai! Obrigado pelo que és, obrigado porque te dás.

Susel Fonseca, Catequista



Sabia que?

A expressão “Aleluia” quer dizer “Louvai o nome de Deus”?

A expressão resulta da conjugação de duas palavras hebraicas:

“Hallelu” (Louvai)

+

“laHVeH” (O nome de Deus)

Via-Sacra (*Via-Crucis*)

A Via-Sacra, Caminho da Cruz, ou Via-Dolorosa, é um caminho de oração muito importante, pois tem como objetivo principal levar as pessoas a meditar naquilo que é mais fundamental no cristianismo: o mistério pascal de Jesus Cristo, a sua morte e ressurreição. Os últimos passos de Jesus na terra são representados por uma série de imagens, denominadas estações, da sua paixão, morte e sepultura.

Esta devoção nasceu, possivelmente, em Jerusalém. Segundo uma lenda, transmitida oralmente pelos primeiros cristãos, Maria percorreu várias vezes o caminho que Jesus seguiu desde a casa de Pilatos, até ao lugar do Santo Sepulcro. A Maria começou a juntar-se alguns dos primeiros cristãos, durante o primeiro século do cristianismo. A devoção foi certamente adaptada pelos peregrinos, que, ao visitarem Jerusalém, passaram a percorrer piedosamente a Via Dolorosa, que vai da casa de Pilatos ao Calvário e ao Santo Sepulcro. A partir do século IV, percorrer este caminho converteu-se num hábito que qualquer peregrino devia cumprir.

Devido à ocupação da Terra Santa pelos muçulmanos e às grandes distâncias que era necessário percorrer, este costume passou, no século XIII, da Cidade Santa para as comunidades cristãs dispersas pelo mundo. Os frades franciscanos foram, como guardiães dos Lugares Santos, os grandes divulgadores desta devoção. Foi adquirindo diversas formas, segundo os lugares. A Via-Sacra estendeu-se a toda a Igreja latina, sobretudo no século XV. No entanto, o número de estações era ainda variável. Só no século XVIII, o Papa Bento XIV fixou definitivamente em catorze as estações da Via-Sacra e, ao mesmo tempo, convidou todos os sacerdotes a enriquecer as suas igrejas com as suas representações:

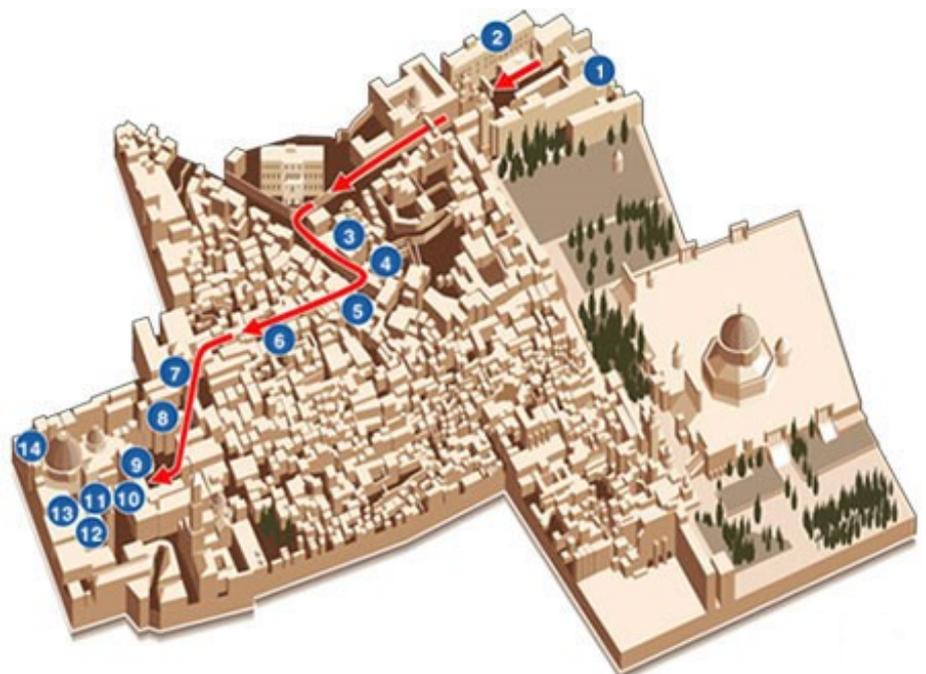
1. **Jesus é condenado à morte;** 2. **Jesus carrega com a cruz;** 3. **Jesus cai pela primeira vez;** 4. **Jesus encontra sua Mãe;** 5. **Simão de Cirene ajuda Jesus a carregar a cruz;** 6. **Verónica limpa o rosto de Jesus;** 7. **Jesus cai pela segunda vez;** 8. **As mulheres de Jerusalém choram por Jesus;** 9. **Jesus cai pela terceira vez;** 10. **Jesus é despojado de suas vestes;** 11. **Jesus é pregado na cruz;** 12. **Jesus morre na cruz;** 13. **O corpo de Jesus é retirado da cruz;** 14. **O corpo de Jesus é colocado no sepulcro.**

Apareceram, entretanto, algumas Via-Sacras com uma décima quinta estação: a que valoriza a ressurreição de Jesus, complemento imprescindível da sua morte.

Seguindo, de preferência a caminhar, as sucessivas estações da via-sacra, tomamos mais consciência da nossa condição cristã: seguir a Cristo. E fazemos, de certo modo, uma peregrinação espiritual à Terra Santa. Entre cada estação, medita-se, reza-se e canta-se, para assim ser maior a união com Cristo.

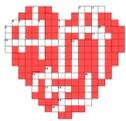
Nas 14 estações atrás indicadas, há algumas que não estão relatadas nos Evangelhos, mas que têm a origem em lendas que passaram a fazer parte da nossa tradição; é o caso das quedas de Jesus e dos encontros com Verónica e Maria. Por isso, recentemente, algumas dessas estações têm sido preenchidas por acontecimentos narrados nos Evangelhos.

A Via-Sacra pode ser rezada durante todo o ano litúrgico, mas adquire um significado especial durante a Quaresma, principalmente na sexta-feira Santa. Em Roma, é o Papa que, nesse dia à noite, dirige as estações, desde o Coliseu de Roma. Foi aí que morreram muitos dos primeiros mártires da história do cristianismo. Pode ser feita no interior de uma igreja, onde se encontram as cruzes a assinalar as estações, ou então no exterior, em forma de procissão e com uma cruz à frente.



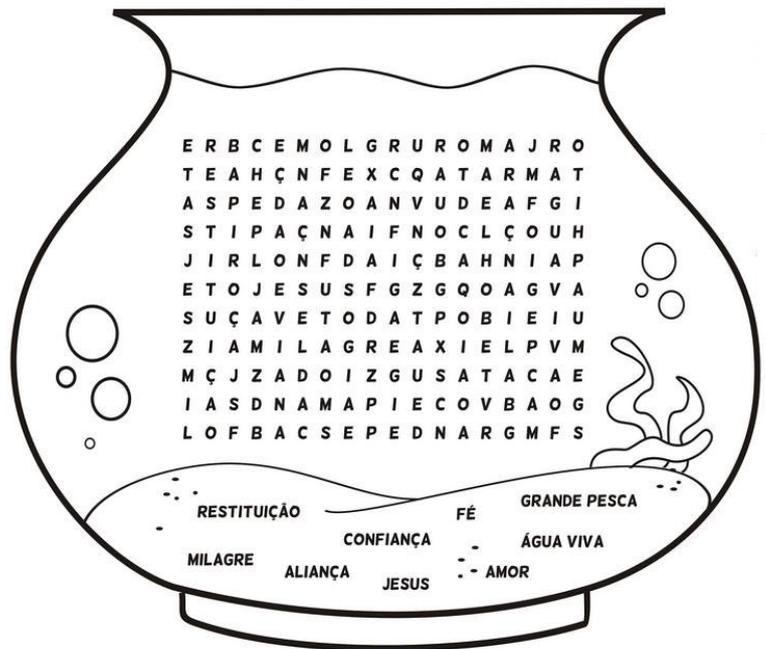
Percurso da Via-Crucis na Jerusalém moderna

Branca Palinhas, Catequista

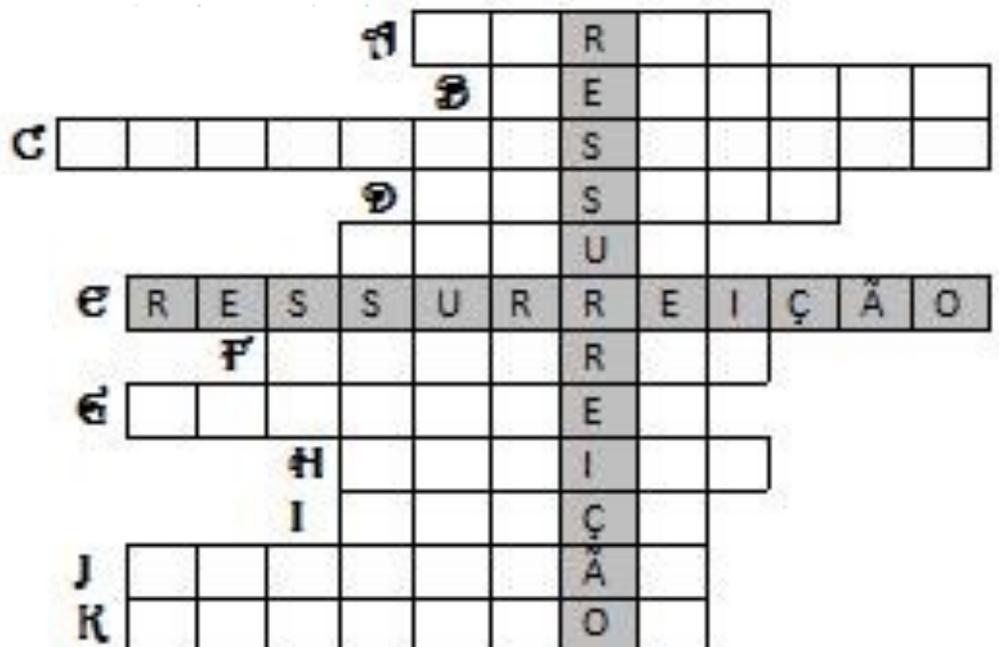


Passatempos

Caça-palavras



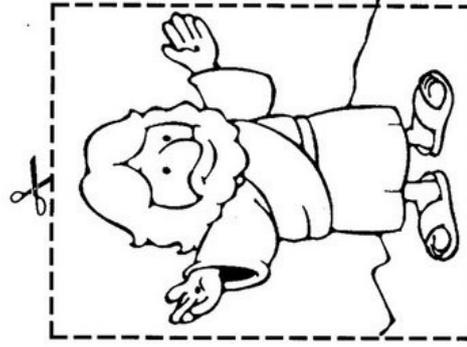
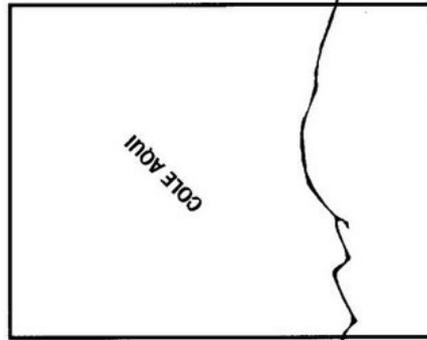
- A) Com sua ressurreição, Jesus venceu a _____.
- B) A ressurreição de Jesus é a vitória da _____ sobre a mentira.
- C) A palavra domingo quer dizer _____.
- D) A ressurreição de Cristo é comemorada no Domingo de _____.
- E) Ele deu a vida por nós _____.
- F) Quando viram Jesus ressuscitado, os apóstolos ficaram cheios de _____.
- G) A palavra Páscoa significa _____.
- H) O dia da ressurreição passou a chamar-se _____.
- I) O dia da ressurreição encheu os discípulos de coragem e _____.
- J) Os amigos de Jesus passaram a ensinar a nova _____.
- K) Os seguidores do cristianismo chamam-se _____.



Jesus morre, mas ressuscita

Lucas 23.33-24.6

A história da morte de Jesus é muito triste: Ele sentiu muita dor ao morrer em nosso lugar. Após sua morte Maria Madalena e Maria foram visitar o seu túmulo e qual foi a surpresa? Jesus ressuscitou e está vivo! Recorte a figura de Jesus ao lado e cole no lugar indicado.
Sugestão: colar papel pedra na figura da entrada do túmulo.



“Nesta Páscoa de 2018, o que faço?”

Na homilia do domingo de Páscoa, o Papa Francisco dirige-nos uma breve, mas profunda homilia, que não só interpela ao reconhecimento da ação de Deus, mas que incita a todos para a pressa de agirmos:

“Depois de ouvir a Palavra de Deus, a esta passagem do Evangelho, há três coisas me vêm à ideia.



Primeiro: o anúncio. Há lá um anúncio: o Senhor ressuscitou. Esse anúncio que, desde os primeiros tempos dos cristãos, ia de boca em boca; foi a saudação: o Senhor ressuscitou. E as mulheres, que foram ungir no corpo do Senhor, surpreenderam-se. Surpresa... Os anúncios de Deus são sempre surpresas, porque o nosso Deus é o Deus das surpresas. É assim desde o início da história da salvação, desde nosso pai Abraão, Deus surpreende: “Mas vai, vai, sai, deixa a tua terra e vai”. E sempre há uma surpresa atrás da outra. Deus não pode fazer um anúncio sem nos surpreender. E a surpresa é o que move o coração, que o toca ali mesmo, onde não o esperamos. Para dizê-lo um pouco com a linguagem dos jovens: a surpresa é um golpe baixo; não esperamos isso. E Ele vai e move-o. Primeiro: o anúncio fez uma surpresa.

Segundo: a pressa. As mulheres correm, apressam-se para dizer: “Mas, nós encontrá-mos isso!”. As surpresas de Deus colocaram-nos na estrada, imediatamente, sem esperar. E então eles correm para ver. Pedro e João correm. Os pastores, naquela noite de Natal, correm: “Vamos a Belém para ver o que os anjos nos disseram”. E a mulher samaritana corre para dizer ao povo: “Isto é novo: encontrei um homem que me contou tudo o que fiz”. E as pessoas sabiam as coisas que tinha feito. E essas pessoas correm, deixam o que estavam a fazer, até mesmo a dona de casa deixa as batatas na panela - ela vai achá-las queimadas - mas o importante é ir correr, ver aquela surpresa, esse anúncio. Ainda hoje acontece. Nos nossos bairros, nas aldeias, quando algo extraordinário acontece, as pessoas correm para ver. Vá com pressa. André, não perdeu tempo e apressou-se a ir ter com Pedro para lhe dizer: “Encontrámos o Messias”. As surpresas, as boas novas, são sempre assim: com pressa. No Evangelho há um que leva algum tempo... Ele não quer arriscar. Mas o Senhor é bom, esperando por ele com amor. É Tomé: “Eu vou acreditar quando eu ver as feridas”, diz ele. Até mesmo o Senhor tem paciência para aqueles que não vão tão rápido.

O anúncio-surpresa, a resposta apressada e o **terceiro** que gostaria de contar hoje é uma pergunta: E eu? Meu coração está aberto para as surpresas de Deus, eu sou capaz de ir com pressa ou tenho aquela “cantiga”: “amanhã eu vou ver, amanhã, amanhã?”. Qual é a surpresa para mim? João e Pedro correram para o túmulo. O Evangelho de João diz-nos: “acredita!”. Até Pedro também diz: “acredita”, mas à sua maneira, com a fé um pouco misturada com o remorso de ter negado o Senhor.

O anúncio traz a surpresa, a pressa e a pergunta: e eu, hoje, nesta Páscoa de 2018, o que faço? E tu, o que fazes?”

*Homilia proferida no domingo de Páscoa,
cidade do Vaticano, Praça de S. Pedro,
01/04/2018*



Contacte-nos

Para obter mais informações sobre as atividades da nossa Comunidade pode utilizar:

Igreja da Santíssima Trindade
Paróquia de Santa Maria
R. Conde da Ericeira,
6200-086 Covilhã

(+351) 275 098 215

ig.sant.trindade@gmail.com

Ou pessoalmente na
Secretaria da Igreja

Agradecemos às seguintes entidades a sua ajuda nesta edição:



panóplia do petisco
BISTRO BAR RESTAURANTE